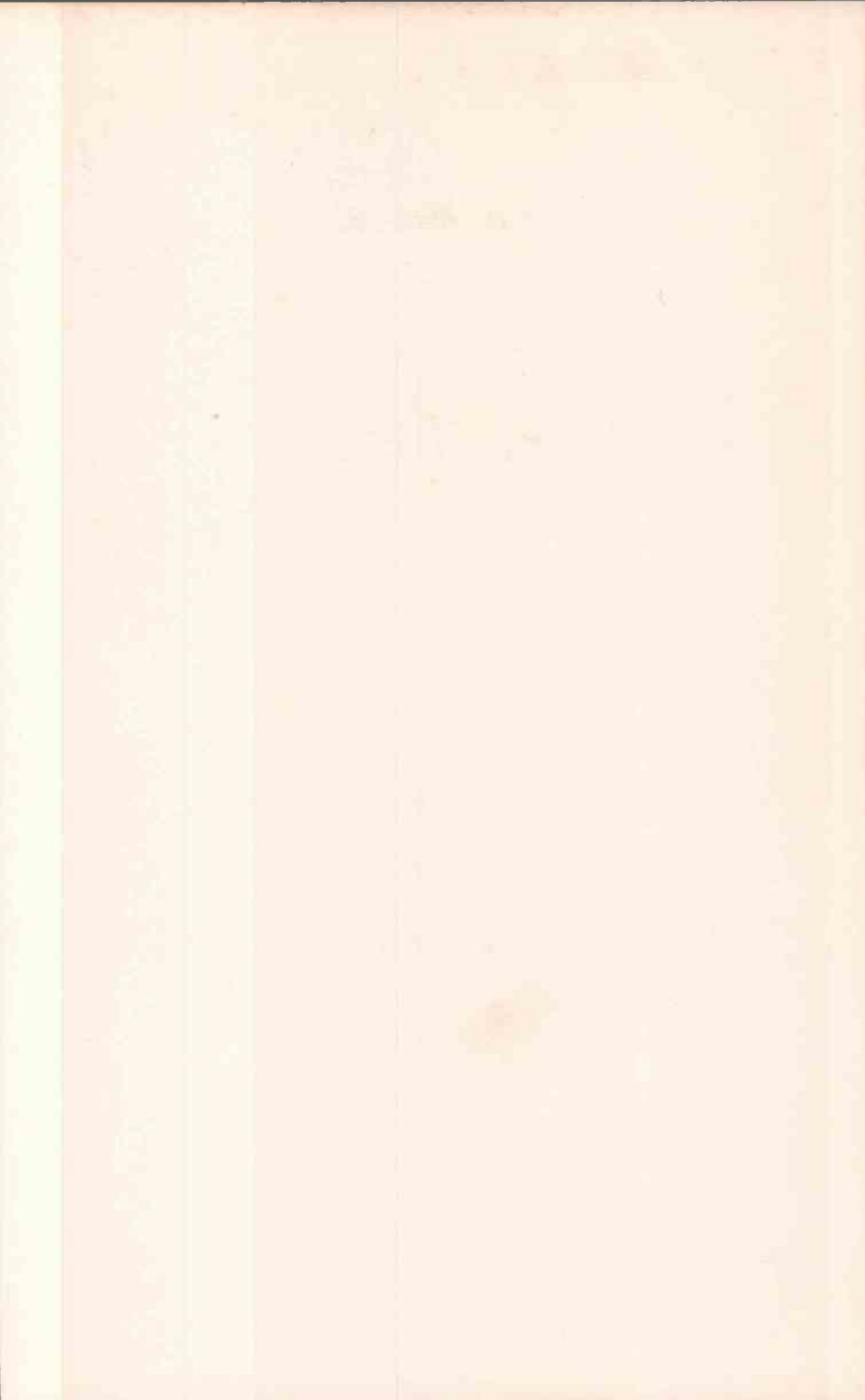




Respingos de uma viagem

Caio Porfírio Carneiro





Caio Porfírio Carneiro é ficcionista com mais de vinte livros publicados nos gêneros romance, novela, conto, reminiscência e literatura infanto-juvenil. Recebeu diversos prêmios, entre outros, o Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, com o livro de contos *Os Meninos e o Agreste*, e o *Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro, com *O Casarão*, mesmo gênero. O romance *O Sal da Terra* foi traduzido para o italiano, árabe e francês, com duas adaptações técnicas para o cinema. Está presente em mais de duas dezenas de antologias de contos, vários deles traduzidos para diversos idiomas. Colabora em vários suplementos e revistas literárias do País.

Apoio Cultural

AMIGOS DO LIVRO
www.amigosdolivro.com.br

Caio Porfírio Carneiro

Do
M. T. 1
a. 1
Caio Porfírio Carneiro
12/03/2008

Respingos de uma viagem

ARTE DA CAPA
Fábio Failde

Estas historinhas ligeiras foram escritas, uma por dia, durante umas férias. Respingos literários? Não sei. Relendo-as, resolvi tirá-las do anonimato do meu arquivo – provavelmente o mais desorganizado do mundo – e dá-las de presente aos amigos.

Como tudo me nasceu do coração, espero que não considerem um presente de grego.

C. P. C.

São Paulo, 1º de janeiro de 2008.

Sumário

Pássaro na paisagem	7
Espanto	8
Perigo	9
Empatia	10
Devoção	11
O Motorista	12
O Louco	13
Acusação	14
A Janela	15
O Encontrão	16
Preguiça	17
O Tempo que se vá	18
Esquecimento	19
Ele e o rio	20
Mar	21
Revisando La Fontaine	22
Sono	23
A Mosca	24
O Dedo	25
Ato interrompido	26
Bloqueio	27
Sol	28
Antevéspera	29
Lembrança	30
Viagem	31

Pássaro na paisagem

Olho o pássaro na paisagem.

Se estou só, se ninguém me espera, se ninguém me procura,
então por que o homem na minha direção?

Achegou-se , sentou-se ao meu lado, baixou a cabeça, suor
pingando do queixo.

Dirigi-lhe a palavra:

– E então?

Olhos nos sapatos rotos, balançou a cabeça:

– Nada.

– Tudo bem.

E se foi. E eu fiquei só.

Se estou só, se ninguém me procura, então fique eu indife-
rente, olhando o pássaro na paisagem

Fortaleza, 13/4/2007 – sexta-feira – 13:30.

Espanto

Cochichei-lhe ao ouvido e ele se espantou, quase caindo da cadeira:

– Não diga?!

O cochicho continuou e à proporção que continuava os olhos dele abriam-se mais e mais:

– Meu Deus do Céu...

O cochicho tinha sussurro de prece e os seus olhos corriam nas órbitas, temendo testemunha. E esbugalhavam-se enormemente:

– O quê!

A minha voz apressada mais e mais se apressava e ele a esmurrar os braços da cadeira:

– Não acredito. Pelo amor de Deus. Não posso acreditar.

E, braços entregues, olhos fechados, passou a suspirar lentamente.

Fortaleza, 14/4/2007 – sábado – 8:45.

Perigo

– Se segure naquele galho mais fino. Aquele não. Aquele outro. Com cuidado. Isso. Vá subindo. Se segure bem naquele galho. Naquele. Isso. É muito fino. Vá, vá. Assim, devagar. Estire bem o braço. Não vá tirar a bola. Ela está só enganchada entre as folhas. Dê um murro nela por baixo que ela cai. Isso. Vá com cuidado. Esqueça o diabo desse galho, porra. Ponha o pé na forquilha do outro. Assim mesmo. Já está perto. Está quase debaixo dela. Não precisa nem um murro. Bata com a ponta dos dedos que ela cai. O diabo dessa bola foi se enganchar logo aí... Cuidado. Pare. Quase cai. Desça, desça. Depois mando tirar a bola. Cuidado. Cuidado!

Fortaleza, 15/4/2007 – domingo – 7:25.

Empatia

Ele a viu, de relance, na multidão do *shopping* e lhe abriu ligeiro sorriso. Ela correspondeu. Ela se perdeu no meio do povo e ele ficou a procurá-la, olhando em todas as direções, caminhando de lá para cá e pedindo licença para abrir passagem. Nada. Ela desaparecera. Ele não perdeu a esperança. Rodou, andou, olhou, vagou entre os que iam e vinham. Nada.

De repente a viu, lá na rua, entrar no carro, descer o vidro e sorrir para ele. Ele sorriu para ela e pensou em acenar. Mas o carro se foi e ele ficou ali, sem um gesto, levando encontrões.

Sozinho no mundo e sem apelação.

Fortaleza, 16/4/2007 – segunda-feira – 08:00.

Devoção

Entrou pisando de leve, apanhou uma vela, acendeu-a, pôs no bolso o fósforo apagado. Caminhou solitário entre as filas de cadeiras e, próximo ao altar, ajoelhou-se, persignou-se, levantou-se e ficou de braços estendidos ao longo do corpo, os dedos cruzados no baixo-ventre, cabeça baixa, olhos fechados.

O vento, lá fora, apagou a vela que ele acendera. Não deu por isto. Sozinho na nave deserta e silenciosa.

Indiferente a tudo. Sentindo-se bem acompanhado.

Fortaleza, 17/4/2007 – terça-feira – 20:40.

O Motorista

– Diga.

O amigo, ao seu lado, fazia gestos para dar mais vida ao que contava. Ele balançava a cabeça, concordando, olhos no trânsito:

– Barbeiro! Continua, continua.

O amigo continuou a contar-lhe a história, em detalhes. Ele, olhos bem fixos nos carros da frente, confirmava:

– Sei.

O amigo estendia-se na narração, acompanhada de muitos gestos.

– Sei, sei. Cafajeste! Continua.

O amigo continuava, continuava, e ele firme na direção.

Chegaram. Ele parou o carro e suspirou:

– O que era mesmo que você estava contando?

Fortaleza, 18/4/2007 – quarta-feira – 18:24.

O Louco

Entrou no restaurante granfino, aproximou-se da mesa onde um casal jantava:

– Que merda estão comendo?

Deixou de lado o espanto dos dois e foi à outra mesa:

– Que bosta estão comendo?

Os espantos se sucederam e ele, bem vestido, engravatado, continuou de mesa em mesa, cochichando seguidamente.

Aproximou-se do tablado do conjunto musical, desabotoou a braguilha, mijou longamente, girando o corpo e gritando:

– Todo mundo nu!

Fortaleza, 19/4/2007 – quinta-feira – 21:10.

Acusação

Eu aqui sentado e as cadeiras, em volta da mesa, olhando para mim. Parece que olham. Pior: acusam-me. De quê? Não sei. Mas sinto que me acusam. Sensação estranha.

Julgo-me acuado. Sem apelo. Sem socorro.

Olho além delas. Ninguém.

E elas não me perdoam, no seu silêncio de cadeiras, de encostos altos, como togas.

Fortaleza, 20/4/2007 — sexta-feira — 17:40.

A Janela

Debruçou-se à janela e ficou olhando a rua. A mesma rua, a mesma árvore desgalhada, em frente, as mesmas cabeças em outras janelas, o mesmo gesto de cumprimento para todas elas. Poucas pessoas passando, quase as mesmas de sempre.

Uma janela fechou, outra, outra.

Ficou sozinho, debruçado, olhando, olhando, sem pensar nada.

Então, com o tempo que passava, voltou a cantar baixinho a mesma canção

Fortaleza, 21/4/2007 – sábado – 16:00.

O Enconção

O enconção foi casual. Peitaram-se num dobrar de esquina.
O mais magro quase cai:

– Não sabe por onde anda?

O mais gordo também se desequilibrou:

– Você que foi o culpado. Quase caio.

– Eu não, você.

– Você.

– Você.

Aproximaram-se. Dedo em riste no rosto dos dois. Xingaram-se. O mais magro sacou e atirou. O mais gordo caiu de borco.
O mais magro suspirou aliviado:

– Pois tome.

Seguiu em frente.

O mais gordo ficou para trás.

Fortaleza, 22/4/2007 – domingo – 21:20.

Preguiça

Da janela, mirou, espremeu os beiços, fez pontaria e cuspiu para acertar a folha da roseira do jardim. Errou. Tentou outra vez. Errou. Mirou outra folha, respirou fundo, cuspiu forte, e o cuspe passou distante da mira.

Desiludiu-se da pontaria. Pôs as mãos cruzadas atrás da nuca, virou a cabeça para trás e para os lados. Bocejou.

Voltou para a cadeira de balanço, assoviou uma antiga canção, encolheu uma das pernas, abraçou-a, o chinelo no chão, embalou-se com o outro pé.

Ficou olhando o quadro na parede em frente. Apenas olhando. Arroto e peidou.

Fortaleza, 23/4/2007 – segunda-feira – 17:40.

O Tempo que se vá ...

Leio os jornais do dia. O mesmo de sempre: assaltos, notícias políticas e muitas fotos do *society*. Coloridas. Casamentos, recepções, essas coisas. E o papa, mão para o alto, pedindo perdão às dívidas dos países pobres da África. O que dizer desse papa que virá ao Brasil sagrar santo Frei Galvão? Para quê, se o sol está tão bonito...

Deixem-me beber a cervejinha, antes do almoço, nesta manhã de muita luz, lá longe as nuvens negras se aproximando.

É muito melhor.

E o tempo que vá no chiado chispante dos carros lá fora...

Fortaleza, 24/4/2007 – terça-feira – 11:50.

Esquecimento

No ponto do ônibus, bateu no bolso:

– Porra. Esqueci a minha carteira.

Voltou os dois quarteirões até sua casa, apanhou a carteira, retornou ao ponto do ônibus.

Lembrou-se:

– Merda. Esqueci os óculos.

Foi e voltou. O ônibus ia passando. Encostou-se no poste de parada, balançou a cabeça, desalentado:

– E agora tome tempo para passar outro.

Sobral, Ce, 25/4/200 – quarta-feira – 22:40.

Ele e o rio

Sentado na varanda, via o rio lá longe, deslizando suavemente. Não gostava de pescar, de banhar-se nele, de nele passear de barco.

Gostava mesmo de vê-lo, sentado na varanda, qualquer hora do dia ou nas noites de luar, quando as águas do rio brilhavam suavemente.

E ali ficava, vendo o rio correr manso.

Há anos.

Sobral, Ce., 26/4/2007 – quinta-feira – 10:05.

Mar

Tocou no braço do amigo:

– Pare. Pare.

O amigo parou o carro, ele desceu, contornou pela frente do veículo, cruzou os braços:

– Que coisa linda.

Ficou olhando o mar imenso, a se perder de vista, ali no alto do morro, na curva da estrada.

Voltou, sentou-se:

– Vamos. Fui dar uma olhada no mar.

– Você nunca viu o mar, cara?

– De cada ponto que a gente o vê é o mesmo e é diferente.

Vamos.

Fortaleza, 27/4/2007 – sexta-feira – 19:30.

Revisando La Fontaine

O boi foi beber água na beira do rio e o peixe gozou:

– “Boi, boi, boi da cara preta...”

Repetia a cantiga e rebolava o rabo para lá e para cá. O boi encheu a barriga de água, arrotou, rebateu:

– Com esse rebolado do teu rabo eu já vi tudo, peixe fresco.

Fortaleza, 28/4/2007 – sábado – 19:30.

Sono

Balançava-se na rede e bambeava a cabeça de sono. Mas não dormia. Ligeira madorna e acordava. E a noite avançando, os armadores rangendo, o pé no chão cadenciando o embalo.

E o sono não chegava. Rápidas madornas, das quais despertava irritado.

O cansaço era grande e o sono não chegara depois da longa caminhada.

Continuou se embalando, a irritação chegando:

– Porra.

O dia ia amanhecendo e nada de sono.

Foi quando o pé parou o embalo e ele ressonou, mergulhando no poço de um sono profundo.

Fortaleza, 29/4/2007 – domingo – 22:00.

A Mosca

E se esta mosca aqui na mesa voasse para o Além? E se ela pousasse no infinito, apenas pousasse, o que seria do Universo?

Ela, porém, permanece aqui na mesa, numa resposta muda às perguntas e numa afirmação definitiva de que, apenas aqui, apenas mosca, é mais universal do que todas as interrogações.

Fortaleza, 30/4/2007 – segunda-feira – 17:45.

O Dedo

Meteu-o no ouvido, coçou, levou-o ao nariz, cheirou, passeou com ele ao longo da toalha em dança de arabescos, depois parou-o e ficou com ele, em ritmo lento, cadenciando a música que passou a assoviar.

Fortaleza, 1/5/2007 – terça-feira – 21:00.

Ato interrompido

Viu-a entrando no rio, despida e despreocupada, e, olhos acesos, entre o tronco da árvore e o matagal, começou o exercício rápido, acocorado, a mão entre as pernas. Respirava fundo e palpitava.

Foi quando ouviu o grito que vinha da outra margem:

– Vá embora, malandro! Desgraçado!

Os olhos da moça esbugalharam-se e o seu mergulho foi rápido.

Ele desapareceu num segundo, deixando os galhos do matagal balançando.

Fortaleza, 2/5/2007 – quarta-feira – 16:10.

Bloqueio

Abriu o caderno para rabiscar mais uma poesia. Esferográfica na mão. Quase inicia o primeiro verso. Apenas um pingó na página. Pensou. Tamborilou os dentes com os dedos. Cismou. Bateu com a esferográfica no nariz, na testa. Pensou. Pensou. Abriu os dedos e a esferográfica rolou. Jogou-a para o lado. Fechou o caderno.

Levantou-se.

Fortaleza, 3/5/2007 – quinta-feira – 17:15

Sol

O sol lá fora, tinindo. De rachar. Tira reflexos das pedras da calçada.

Nenhuma brisa. Nenhuma folha se move.

O suor pinga-lhe do queixo e ele fecha os olhos em busca de uma madorna, que não vem.

Volta a abrir os olhos. E o sol vem por inteiro, faiscante, brilhante, navalhante.

Suspira:

– Puta que pariu...

Fortaleza, 4/5/2007 – sexta-feira – 15:25.

Antevéspera

- E se ele não chegar?
- Prometeu.
- Prometeu ... prometeu ... Conheço essa história.
- O que eu posso fazer?
- Insista.
- De insistir estou rouco.
- Continue insistindo.
- Não posso fazer mais nada.
- Estou com tudo pronto para depois de amanhã, cedinho.
- Ele garantiu que viria.
- Garantiu ... garantiu ... Conheço a peça. Só espero até depois de amanhã.
- ...
- Vamos ver. Paciência.

Fortaleza, 5/5/2007 – sábado – 08:50.

Lembrança

Nada. Olho em volta. Nada. Em frente. Nada. Em torno.
Nada. Só a lembrança dela me atormenta:

– Porra.

Fortaleza, 6/5/2007 – domingo – 22:00.

Viagem

Viajo hoje. Se a vida, em si, é uma viagem, por que vou viajar? Que filosofia mais besta... Até os crentes falam que a vida é uma viagem, uma passagem rápida pela Terra.

O que importa é que hoje viajo. À tarde. Devo chegar à noite.

Quando volto?

Bem...

Fortaleza, 7/5/2007 – segunda-feira – 08:00.

